

JUVENTUDE E FEIRAS DO SERTÃO ALAGOANO: LAÇOS DE CONFLITOS E REPRODUÇÃO SOCIAL

Samuel Pires Melo¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de discutir as relações de poder constituídas pelas experiências das interações sociais de feirantes jovens das feiras de Delmiro Gouveia e Água Branca-Al. A pesquisa foi realizada sob o viés quali-quantitativo. Os dados foram obtidos através de pesquisa de campo, com as técnicas questionários e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa demonstrou que os jovens feirantes se articulam nas **figurações família, sítio/ pequenos municípios, escola e feiras** como maneira de (re)construção dos seus *modos de viver e trabalhar*, reconhecendo, a partir das interdependências na vida social, que o indivíduo amadurece pelas coações sociais que se modificam também com o desenrolar da história. Salienta-se que nessas figurações, esses jovens assemelham e distinguem-se na lida com a produção, comercialização e ritualização; bem como eles se veem nos espaços citadinos do consumo, venda e rituais festivos.

Palavras-chave: Juventude; Feiras; Conflitos Sociais; Reprodução Social.

1 Professor da Universidade Federal do Piauí. Programa de pós-graduação em Sociologia. E-mail: sampires@hotmail.com

YOUTH AND FAIRS OF SERTÃO ALAGOANO: CONFLICTS OF TIES AND SOCIAL REPRODUCTION

ABSTRACT

This article aims to discuss the power relations constituted by the experiences of social interactions of young fairground from Água Branca and Delmiro Gouveia fairs in Alagoas. The research was conducted in a qualitative and quantitative way. The data were obtained through of field research with aid by techniques question and semi-structured interviews. The research has shown that young fairground articulate the figurations family, trop/ small municipalities, school and fairs as a way to (re) construction of their ways of life and work, recognizing, as of interdependencies in social life, the subject matures by the social constraints that also change over the course of history. It is noted that these figurations, the young resemble and differ in dealing with the production, marketing and ritualization; and they self-seem in urbanites spaces of consumption, sale and festive rituals.

Keywords: Youth. Fairs. Social conflicts. Social Reproduction.

Considerações iniciais

Muitas das projeções estatísticas que giram em torno da classificação da população, em termos de faixa etária, denotam preocupação com o envelhecimento. O caso do Brasil não é diferente, dados do IBGE (2010) apontam que diminui a proporção de jovens e aumenta a de idosos. Observa-se que os grupos etários menores de **20 anos** já apresentam uma diminuição absoluta no seu contingente, enquanto o crescimento absoluto da população do Brasil, nestes últimos dez anos, deu-se principalmente em função do crescimento da população adulta, com destaque também para o aumento da participação da população idosa.

Para se ter uma ideia, o crescimento da participação relativa da população com **65 anos ou mais**, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000, chegou, em 2010, a 7,4%. Por outro lado, apesar desse aumento da população adulta e idosa, a média de idade dos **15 aos 29 anos** representou, em 2010, a maior proporção (26,8%) em termos das demais faixas etárias (IBGE, 1991, 2000, 2010).

Essas representações populacionais, para além da proporcionalidade apresentada em termos estatísticos, demonstram que a juventude no Brasil é um fenômeno social e gera observações das mais variadas, desde aquelas que vão associar o jovem como mais propensos à violência, passando pelas idealizações da “juventude em conflito permanente com a sociedade”, até àquelas que associam-na ao que é belo e desejável. Na verdade, segundo Abramo (1997), a sociedade cria representações da juventude relacionando-a ao seu papel na funcionalidade da estrutura social.

Nesse sentido, tomando como ponto de partida o jovem na sua função social de feirante, mas ultrapassando esse argumento primeiro com as figurações que esses sujeitos participam, tem-se como objetivo geral discutir as teias de significados que os jovens feirantes pesquisados atribuem as interações que (re)significam o ser jovem a partir daquela realidade. A intenção é discutir as representações dos jovens sobre os próprios espaços sociais denominados por eles desde o rural e urbano alagoano, bem como os *modos de viver e trabalhar* que se constituem como elementos distintivos dos diversos jovens feirantes.

A justificativa em compreender a complexidade desses sujeitos feirantes está porque eles representam grupos de indivíduos marginalizados dentro da estrutura social, seja por fazer parte dessa atividade de feirante, por ser jovem, ou

serem mulheres, campones/ agricultor familiar, dentre outras. Por isso, torna-se instigante estudar como esses sujeitos, vistos por várias estruturas sociais como *outside*, interagem socialmente, principalmente a partir das teias de significados representativos de feirante jovem.

As técnicas utilizadas nesta pesquisa, considerando-se os objetivos do estudo, foram os questionários e a entrevista semiestruturada, com registro em formulário criado para tal finalidade, além da observação livre. Os questionários e as entrevistas semiestruturadas foram realizados junto a indivíduos que se consideram jovens. Vale salientar que alguns dos jovens entrevistados (12 a 19 anos) não sabiam se eram jovens ou adolescentes; e outros, que estavam na faixa de 25 anos para cima, não sabiam se eram jovens ou adultos. Os sujeitos da pesquisa foram identificados na população de 507 feirantes das feiras dos municípios de Delmiro Gouveia e Água Branca - Alagoas. Foram selecionados todos os feirantes jovens que se dispuseram a cooperar com a pesquisa, após explicação do que se tratava.

Para encadear nossa discussão, utilizamos das ferramentas teóricas que discutem a temática, no que diz respeito detidamente a perspectiva do entendimento das relações de poder constituídas pelas experiências das interações sociais de feirantes jovens. Isto é, a juventude em seus significados e a forma como o entendimento constitui parte de uma problemática relacionada à estrutura dos grupos e do tipo específico de coerção a que os indivíduos estão expostos e se constituindo.

I. Pontuando alguns marcos para o entendimento da juventude

Não é possível falar de um entendimento sobre juventude, principalmente porque existem vertentes que dissociam de um olhar mais apurado sobre essa categoria. Elas emergem principalmente da mídia, dos acadêmicos e especialistas, dos movimentos sociais, dos políticos, das famílias e dos próprios jovens, que muitas vezes reduzem e simplificam questões complexas, ajudando a criar estereótipos sobre alguns grupos sociais. Na verdade, segundo Abramo (1997), a sociedade cria representações da juventude relacionando-a ao seu papel na funcionalidade da estrutura social;

Como a juventude é pensada como um processo de desenvolvimento social e pessoal de capacidades e ajustes aos papéis adultos, são as falhas nesse desenvolvimento e o ajuste que se constituem em

temas de preocupação social. É nesse sentido, que a juventude só está presente para o desenvolvimento e para a ação social como ‘problema’: como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social. (p. 29)

Há de salientar, por outro lado, que não se está querendo compreender os ciclos de vida dos indivíduos com essa definição *per se*, mas procurando observar, para desconstruir, como estes se constroem a partir do que lembra Groppo (2000), das percepções institucionalizadas na modernidade, do alto grau de especialização que separa os grupos por faixas etárias. Na verdade, criaram-se instituições para afastar o indivíduo, em períodos determinados, do convívio com os adultos em espaços dominados pelas relações de parentesco. O discurso propaga o objetivo de construir uma identidade comum, característico, claro, do universalismo da modernidade que leva à possibilidade de construção dessa identidade.

Existe, na verdade, um discurso nas ciências, seja da área da psicologia e/ou médica, seja os desenvolvidos por outras ciências, como a psicanálise, sociologia, dentre outras, que passa a compreender a juventude como uma etapa de transição entre a infância e maturidade, concebida de forma evolucionista-cumulativa. A juventude, segundo estas concepções, é um período de evolução natural do indivíduo, no qual ele se prepara para ser integrado na sociedade capitalista (GROPPO, 2000).

Em uma crítica a essa perspectiva, Mannheim (1989), na sua obra clássica “O problema das gerações”, faz uma análise de duas correntes do pensamento: o positivismo francês e o romantismo-histórico alemão. Na primeira prevaleceu a ideia de indivíduo centrado, unificado e dotado de razão instrumental; na segunda, os indivíduos contemporâneos constituem uma geração por estarem sujeitos a influências comuns. Entretanto, para ele essa corrente alemã “obscureceu completamente o fato de entre o natural, o físico e as esferas mentais haver um nível de existência em que operam as forças sociais” (MANNHEIM, 1989, 127).

Entretanto, concorda-se com Weller (2005), quando enfatiza que a obra de Mannheim é considerada como importante discussão sobre juventude, mas ela traz um laço forte com a perspectiva estruturalista, que em sua concepção se limita ao entendimento da realidade de forma complexa, por isso, não dá conta

de compreender as vicissitudes da juventude contemporânea, por considerar que a identidade se define apenas por um processo de socialização comum.

A discussão apresentada por Mannheim sobre gerações, no que diz respeito a juventude como realidade, ganha contornos ampliados nos argumentos de Bourdieu (1983). Para esse, ela deve ser vista como uma construção social, instituída por relações de poder, pois “as classificações por idade (mas também, por sexo, ou classe...) acabam sempre por impor limites onde cada um deve se manter em seu lugar” (BOURDIEU, 1983, p. 112).

Mas do que compreender pelo viés cronológico apenas, Pais (1990) envereda no caminho de Bourdieu (1983) e salienta que “a oposição entre as gerações pode assumir diferentes tipos de descontinuidades intergeracionais, falando-se ora de socialização contínua ora de rupturas, conflitos e crises geracionais” (p.153). O foco central de sua crítica a perspectiva geracional construída na corrente sociológica, está em dizer que:

A juventude é, nessa corrente, vulgarmente tomada como uma categoria etária, sendo a idade olhada como uma variável mais ou menos influente que as variáveis sócioeconômicas e fazendo uma correspondência nem sempre ajustada entre um feixe de idades e um universo de interesses culturais pretensamente comuns. (PAIS, 1990, p. 157)

Ultrapassando essa argumentação, Pais (2003) constrói uma tese de que não se deve olhar sob uma única perspectiva o entendimento da juventude. Mais do que a forma de transição para a vida adulta, a depender o processo de interação social a quem estão estabelecendo as relações dos sujeitos jovens, haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem (de acordo a origem social, o sexo, o habitat etc.) ou de ser adulto (PAIS, 2003, p. 44).

A peculiaridade dos argumentos de Pais (1990, 2003) está em entender que o discurso dos jovens só serem compreendidos se for levado em consideração o processo de construção de suas teias de significados², a partir dos seus próprios grupos culturais produtores de signos e significados que se particularizam, não pela condição de transição em si, mas pelo processo de negociação circundado

2 Argumento comparativo ao levantado por Norbert Elias, sobre sua teoria processual e figuracional.

pelas relações de poder.

A perspectiva de compreensão da juventude de forma dinâmica se torna muito relevante para nosso campo de estudo, pois os jovens das feiras analisadas vivenciam realidades da experiência rural e urbana. Isso porque, como salienta Wanderley (2006), apesar de haver entre os jovens rurais muitas semelhanças com os jovens urbanos, principalmente no que diz respeito aos seus projetos de vida, a tradição cerceados pela convivência em grupos de amigos e até estilo de vestimentas em comum não diluem as diferenças relativas à especificidade de viver no meio rural e fazer parte de uma família camponesa. Para a referida autora, “não cabe isolar, mas não cabe também diluí-los numa pretensa homogeneidade que desconhece as particularidades de viver a juventude quando se é jovem nas áreas rurais brasileiras. Mesmo nestas - e é esta a nossa questão - é muito grande a diversidade” (WANDERLEY, 2006, p 103).

Diante disso, o estudo que se fará sobre a juventude nesse ensaio parte do entendimento dos próprios jovens que se autodenominam, ou que sejam reconhecidos pelos grupos relacionados entre si. Entretanto, salienta-se que isso não significa que não será feita referência às faixas etárias, pelo contrário, ela está presente na representação feita pelos grupos que interagem entre si, e fazem uso para assinalar as diferenças entre as gerações. Mas como já apontamos, é fundante compreender como essa trama de relações, que envolvem a vida social dos jovens e demais sujeitos, se constroem, seja sob tensões dos mais diversos níveis, às adesões a ideias e comportamentos propostos.

2. Perfil das feiras de Água Branca e Delmiro Gouveia

Historicamente, esses territórios onde circunscreveram as feiras de Água Branca e Delmiro Gouveia foram se constituindo pela migração de entrada ou saída de sujeitos. **A chegada** ao território se deu pelo desejo de “melhorias”, pois muitos indivíduos vieram acreditando ser o projeto de modernização proposto por Delmiro a saída para seus problemas. No entanto, alguns tiveram que se adaptar às condições impostas pelo “civilizador” Gouveia e outros recuaram, preferindo observar à distância o que acontecia, enxergando os “espaços modernos” pela ida a feira. Podemos destacar três espaços que caracterizaram a moradia dos feirantes durante esses períodos: sítios/serras, a vila da Pedra e os demais que ficava no seu entorno. A maior concentração de feirantes, segundo relatos de seus

parentes da época, residia no entorno da vila e sítios/serras, e somente alguns, que moravam na vila, exerciam também a atividade na praça de comércio. **A saída** acontece principalmente por migração temporária, em períodos alternados, para complementação do orçamento familiar e compra de bens para grupo doméstico, inclusive terras.

As duas feiras estudadas passaram por mudanças espaciais, mas dentro dos territórios localizados. Atualmente as duas acontecem ao redor dos seus mercados públicos, sendo que em Água Branca as bancas são montadas nos dias da feira, no centro da cidade. Na de Delmiro, elas permanecem instaladas no seu local de origem, mas afastadas cerca de dois quilômetros do centro da cidade.

Apesar de serem caracterizadas por constantes mudanças, como vimos de espaço, mas também da montagem e reabastecimento de produtos, as feiras são consideradas territórios da tradição, onde são expressos os modos de viver e trabalhar de lugares. O que podemos considerar, na verdade, são os argumentos de Mott (2000), para quem estas *figurações* são vitrines das localidades.

Atualmente as feiras oferecem seus produtos e serviços sob espaços e regras pessoais e sociais com muitos aspectos comuns. Nelas, tem-se o mercado público; o corredor com peixes e carnes; demais alimentos e bebidas; beleza e saúde; utilidades domésticas; serviços; entretenimento; e outros. Entretanto, algumas diferenças são vistas por sua instalação fixa (Delmiro Gouveia) e contínua (Água Branca). A localização dos vendedores e produtos nestas feiras, que parece ser livre, obedece, na verdade, a um conjunto de regras estabelecidas pelos gestores, entre os feirantes e fregueses.

3. Perfil dos feirantes³

Registra-se nessas praças de comércio uma diversidade de sujeitos (com diferentes faixas etárias, gênero, origem familiar, produtos, serviços, dentre outros) com uma tradição de serem feirantes. Essas características tomam sentido pelo que foi observado na origem dos entrevistados, da existência de uma tradição de “ser feirante” ligada aos contextos familiar e social. *A disposição* pode continuar porque há uma concentração significativa (63,3%) de feirantes com idade

3 Os dados quantitativos aqui apresentados podem ser melhor visualizados na tabela 1, após as considerações finais

inferior a 49 anos. Na verdade, os dados desta pesquisa mostram um conjunto de entrevistados com idades que variam dos 12 aos 90 anos, com uma média de 43,4 anos; o que supõe certa estabilidade à continuidade da feira livre no futuro. Ressalta-se ainda que o grupo de entrevistados com idades que variam dos 30 aos 49 anos representa quase a metade (43,2%) dos pesquisados e estão nesse grupo os feirantes que mais empenhados estão pelo “negócio da feira”.

Por outro lado, não se está querendo dizer que os outros grupos estejam deixando o negócio, pelo contrário, a maioria (62,0%) das pessoas na faixa etária dos 60-90 anos diz frequentar regularmente à feira, e só não vai quando está muito doente, segundo a fala de um deles: *“dei a minha vida por esse lugar, pelas pessoas que sempre estão na feira, e daqui só saio mesmo quando a morte chegar, e olhe que ela não vai aparecer tão cedo porque estou fazendo o que me faz bem, se não tivesse aqui a morte já teria me levado”*. (Zé Tião, feirante de Água Branca, 79 anos)

Na verdade, não existem grandes disparidades entre os que querem continuar ou sair da feira entre os grupos na faixa etária até os 29 anos. Ao questionar sobre o desejo de ficar ou sair da atividade de feirante, um pouco mais da metade deles (53,9%) encontra na feira um espaço de passagem, onde se busca outras perspectivas de *viver e trabalhar*. Ao observar esses sujeitos em termos de feira, Observamos na feira de Água Branca um número maior dos que desejam ficar (64,3%). Essas incertezas põem em evidência as análises de Bourdieu (1983) e Pais (2003) sobre a concepção de que a passagem para a vida adulta não é um evento, mas um processo.

Apesar de esses grupos (até 29 anos) estarem regularmente nas praças de comércio, um pouco mais da metade (69,3%) dos pais feirantes não leva seus filhos para “ajudar” no “negócio da feira”, ou quando faz, é de maneira esporádica. Muitas das justificativas apresentadas estão relacionadas ao fato dos filhos estarem estudando para procurar uma profissão mais estável e menos árdua. E até quando eles puderem, vão ajudar os filhos a realizarem suas vontades. Vale dizer que em termos do total de feiras, existe uma maior *disposição* dos pais (60,6%) em preferir ver seus filhos seguindo suas trajetórias, de feirantes, o que não acontece, de certa forma, com os de Delmiro Gouveia.

A educação formal como saída para uma carreira “estável e fácil” está representada, em parte, pelos exemplos bem sucedidos apresentados pela mídia; em

outra, pela satisfação do universo de instrução de feirantes que contempla todos os níveis de escolaridade. No entanto, esse grupo é muito restrito, pois existe uma grande concentração de indivíduos com ensino fundamental incompleto (64,7%). De outra forma, podemos dizer que a maioria dos feirantes (78,7%) não chegou a concluir o ensino fundamental, pois alguns declararam não ter ido a escola, ou quando fez, foi durante alguns anos de suas vidas. Muito embora, seja essa uma atividade comercial que exige o exercício constante de cálculos e um certo nível de conhecimento da leitura e escrita, para alguns produtos, verificamos também a presença significativa de sujeitos sem escolaridade (14%). Por outro lado, notamos que uma parcela dos entrevistados possui o segundo grau completo (10,1%).

Caso levemos em consideração certa regularidade, poderíamos dizer que é insignificante (2,6%) o número de feirantes que concluíram e/ou estão concluindo o curso superior. Entretanto, é importante dizer que existe precedente para apresentar essa atividade como também praticada por pessoas que ascenderam ao nível superior, e que têm a intenção de conciliar a atividade de feirante com o magistério, pois a primeira é realizada no fim de semana e não impede de também ser professor.

A baixa escolaridade de muitos feirantes tem relação com o contexto histórico de formação do território alagoano (importação de mão-de-obra qualificada; formação da mão-de-obra interna de forma seletiva e para atender um mercado específico; educação formal como segundo plano pelo poder público; etc.), mas também decorre do fato da feira representar uma atividade pouco exigente nesse quesito, proporcionando uma fonte de renda às pessoas que estudaram pouco ou até mesmo que nunca tiveram a oportunidade de frequentar a escola. Antônio e Damasceno, feirantes de Água Branca, explicam o motivo de terem tornando-se feirantes,

Eu fui ser feirante tem muito tempo, porque aqui não tinha outra oportunidade e não queria ir trabalhar fora [...] o povo só contava sofrimento [...]. Aí um primo meu disse que ia arrumar um emprego na fábrica da Pedra, né? Mas como eu não tinha estudado, meu tio me botou para vender para ele na feira, fui ganhando um trocado aqui e ali, depois botei minha própria banca. (Antônio, feirante de Água Branca, 50 anos)

Veja, não foi fácil não, porque só existia trabalho com os patrões da Serra [...] eu não queria trabalhar com ele não, daí comecei a vender

as coisas que os compadres mandavam para vender, aí comecei a ganhar e ter mais chance de me mexer e não ser tão pesado como na roça, aí vim trabalhar na feira. Eu vendia nas redondezas, [...] Aí saía dizendo o que tava vendendo, fiquei conhecido como “Benvindo”. (Damasceno, feirante de Água Branca, 51 anos)

Damasceno, feirante há muito tempo na praça de comércio de Água Branca, reforça a colocação de Antônio, afirmando que a feira, desde o início de seu funcionamento, vem se apresentando como alternativa para as pessoas que não possuem uma profissão e/ou não são suficientemente escolarizados, mas *“dali conseguem uma sustentação para ganhar a vida”*. O importante para Antônio é que *“para se dá bem no negócio precisa aprender o ofício com os mais experientes e também com sua própria vivência”*.

Damasceno é viúvo, com nove filhos, agricultor e feirante de Água Branca, frequenta a feira regularmente. Suas interações estão conectadas pelos filhos, parentes e vizinhos, desde o sítio, povoado e o município de Água Branca. Antonio é casado, chefe da família, com quatro filhos, suas conexões estão sob relações entre parentes e vizinhanças do bairro de Água Branca, onde mora, como também pela feira e representantes dos produtos comercializados.

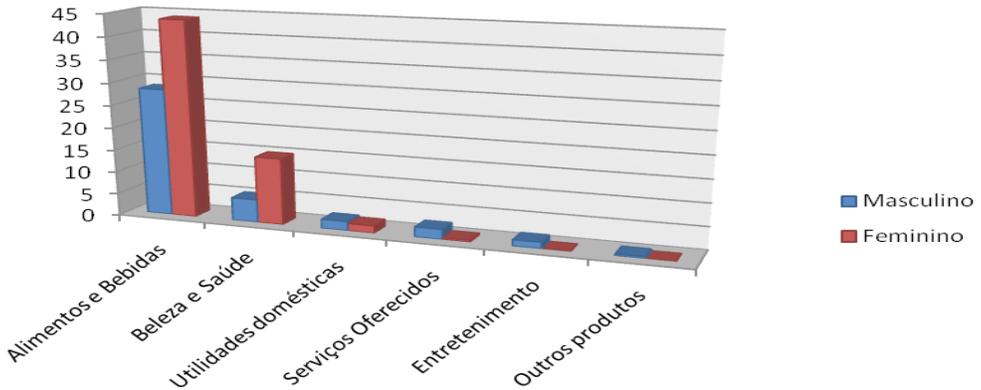
Quitéria tem 62 anos, feirante e moradora da cidade de Delmiro Gouveia, apresenta na sua fala argumentos que ampliam os mecanismos salientados por Damasceno e Antônio, trazendo para frente da discussão um fator chave de diferenciação no acesso à feira. Para ela, *“chegar a ser feirante não foi fácil porque meu pai não permitia, dizia que lugar de mulher era cuidando da casa, e não dos negócios”*. Entretanto, notamos que aparentemente a realidade muda de posição, pois mais da metade (60,6%) dos feirantes entrevistados são de mulheres. O que pode ser, de certa forma, observado entre os feirantes de 12 a 29 anos, com 57,8% do sexo feminino.

Esses dados são importantes para observar a inserção da mulher no espaço da feira, pois como Garcia-Parpet (2008) apresentou no seu estudo, as mulheres foram historicamente marginalizadas desses espaços, mas que com as transformações ocorridas no Nordeste, caso estudado pela autora, as mesmas foram conquistando oportunidades nas feiras.

A região passou, durante os últimos 50 anos, por transformações econômicas e sociais bastante profundas, que tiveram, entre

outras conseqüências, importantes repercussões sobre as redes de comercialização, provocando um forte crescimento do número de vendedores nas feiras, em especial do número de mulheres. Recenseamentos de feirantes por nós efetuados em 1982 e 1989 (2) em uma feira situada no limite da zona úmida do estado da Paraíba revelaram um crescimento de 49% no número de vendedores durante este período (o que significa uma taxa de crescimento de 5,9% por ano), enquanto o número de mulheres cresceu 60% (taxa de crescimento: 7%); em 1989, elas ocupavam 26% dos pontos de venda (GARCIA-PARPET, 2008, p. 01).

Questiona ainda a autora se esse crescimento da presença feminina nas feiras do Nordeste do Brasil, já que era um espaço tradicionalmente masculino, é suficiente para se afirmar que a divisão sexual do trabalho, muito acentuada e que restringia as mulheres ao universo doméstico, privado está sendo questionada? Nossa indagação se dá no próprio espaço da feira, especificamente dentro da hierarquia dos produtos comercializados por feirantes do sexo masculino e feminino. Ao analisarmos, notamos que as categorias “Alimentos e Bebidas” e “Beleza e Saúde” têm a maior proporção (43,8%, 14,8%, respectivamente) de feirantes do sexo feminino comercializando-os, as demais – utilidades domésticas, serviços oferecidos, entretenimento e outros serviços – são comercializadas pelos homens. De uma maneira geral, nas atividades “mais nobres” ou típicas de homens, prevalecem vendedores do sexo masculino. Enquanto que nas atividades mais periféricas ou “de mulher”, pelo desdobramento dos ‘afazeres’ de casa, temos uma grande proporção de mulheres à frente (ver gráfico 1).

Gráfico 1 – Principais linhas de produtos ou serviços comercializados por feirantes

Fonte: pesquisa de campo, 2011.

Longe de naturalizarmos a condição da mulher na sociedade, entendemos que a perspectiva de gênero é construída a partir das relações (Joan SCOTT, 1990), e mais do que isso, compreendemos que a forma como se evidenciam essas relações, a agencia se mostra revigorante nas ações sociais construídas, como são os jovens que criam e modificam seus papéis (Parry SCOTT, 2001) no curso da ação social e no fluxo da vida cotidiana.

4. As figurações dos jovens feirantes das feiras de Água Branca e Delmiro Gouveia

[...] Moço, eu nunca tive esse entendimento mesmo do que é ser criança, adolescente, jovem, como o senhor está dizendo, ou adulto, porque eu sempre fiz coisas de adulto desde quando eu era pequeno [...] trabalhava na roça, vendia aqui na feira [...] sempre foi assim [...] mas também eram as ordens dos meus pais, né?

A fala de Antonio José nos remete a concepção objetiva de que a condição de filho de feirante agricultor não os permitem vivenciar a juventude construída socialmente pela *cultura global*. Isso nos leva a considerar os indicadores construídos para mensurar a juventude relacionados às condições objetivas (compreender como a “passagem para a vida adulta”) incipientes na compreensão situações que

caracterizam a juventude. Na verdade, a distinção entre quem é jovem e quem é adulto também articula categorias subjetivas que são avaliadas a partir do comportamento social dos indivíduos, na trama com as condições objetivas, que são relativizadas, mas não descartadas.

Portanto, traçar as figurações dos jovens feirantes nos permite ver como esses sujeitos fiam o seu caminho considerando a passagem para a vida adulta um processo de autoreconhecimento e de reconhecimento social. Desta forma, articularemos as **figurações família, sítio/ pequenos municípios, escola e feiras** como aspectos objetivos (re)construídos pelos sujeitos envolvidos nesse processo, reconhecendo, a partir das interdependências na vida social, que o indivíduo amadurece pelas coações sociais que se modificam também com o desenrolar da história.

a. Figuração família

A maioria (70,4%) dos feirantes são casados ou moram juntos. Isso também é observado entre os jovens dos 20-29 anos (64,6%) e, em maior proporção que a média geral, são dos feirantes de 20-29 anos da feira de Delmiro Gouveia (72,1%). Quer dizer, a família representa para os feirantes as condições mínimas para sua produção e reprodução social, mesmo com o conflito entre gerações, vivido no plano individual e social dos jovens.

[...] teimei tanto com meu pai, bati tanto de frente com ele, que acabei ficando igual a ele [...] ele dizia que eu tinha tanta preguiça [...] porque não queria ir para roça, inventava que estava doente, dor de dente. Só gostava mesmo no dia de ir para feira, gostava do movimento, tão tal que estou aqui com minha banca [...] hoje eu fico no pé dos meus filhos, levo eles para conhecer o trabalho da roça e da feira, aí sabe, estou fazendo igual a ele [pai]. (Evandro, mora na cidade de Delmiro Gouveia, 26 anos, casado)

Brandão (1999) observou em seu estudo que os saberes de ofício e os do hábitos do ethos camponês são ensinados pelos pais. Dentre esses valores, a honestidade é inculcada como regra nas relações entre produtores considerados próximos e iguais aos pais que vai desde a sagaz esperteza nos negócios da produção até uma generosa forma de comercialização perpassando o horizonte social para o

qual se ensina o quanto o valor simbólico e afetivo é importante para reprodução do grupo. Para Doroteia,

Família é tão boa que logo casei [risos] [...] eu queria mesmo era sair de casa, ter minha própria família, ter minha vida, né? [...] não mudou muita coisa, não, porque continuo trabalhando na banca de minha mãe [...] eu estou esperando terminar meus estudos para ir para onde está meu marido [...] ele está trabalhando em São Paulo [...] se eu arranjar um emprego lá a gente fica, senão voltamos, e botamos alguma coisa para gentar trabalhar aqui. (Doroteia, mora na cidade de Delmiro Gouveia, 19 anos, casada)

Observamos no interior da família dos feirantes relações cotidianas que passam intergerações. Nelas, vislumbramos os desejos dos jovens produzidos ou internalizados. Todavia, vivendo uma relação dialógica entre os valores da tradição construídos no interior da família e esses valores modernos, o jovem reinventa e reinterpreta essa tradição. Ao pensar em relação no futuro, o jovem reflete sobre sua própria condição, produzindo e reproduzindo significados sobre a permanência ou transformação da estrutura da vida social, desencadeando alternativas para sua existência e manutenção social.

b. Figurações sítios/bairros e pequenos municípios

Os sítios, bairros e pequenos municípios podem ser considerados espaços de convergência para reprodução social dos modos de viver e trabalhar dos jovens feirantes quando se remetem a concepção de territórios de identidade dos sujeitos que produzem e reproduzem tais espaços. Entretanto, os valores construídos em cada figuração podem divergir a partir da intensidade dos laços que lá são firmados por seus sujeitos. E além disso, a intensidade de bens e serviços nesses locais projeta também uma construção distintiva de permanências. Vislumbrando esse último argumento, vimos que a maioria (73,5%) dos feirantes da faixa etária até os 29 anos residem em pequenos municípios, e que projetam percepções diferenciadas em seus usos e (des)usos. Para se ter uma ideia sobre imagens distintas dos espaços, vimos na fala de um entrevistado uma classificação de acordo com os bens e serviços oferecidos em cada local:

[...] já passei uma temporada trabalhando no Mato Grosso. É bom, a gente ganha dinheiro, mas ficar longe de onde a gente

sempre viveu, não desejo para ninguém, não. É mesmo só para passar um tempo para juntar dinheiro. [...] gosto de morar no sítio, sabe? Tem meu pai e mãe por perto, meus irmãos [...] nas festas a gente conhece todo mundo [...] e na cidade tem o trabalho na feira que a gente ganha pouquinho, mas por aqui mesmo a gente vai se virando, dorme sossegado, né? Porque estamos entre os nossos. (Mário José, sítio Alto dos Coelhoos, município de Água Branca, 24 anos, casado)

A migração tem sido uma saída encontrada historicamente por muitos indivíduos, sejam jovens ou adultos. Um considerável número dos que vão trabalhar em Centros distantes, como Rio de Janeiro e São Paulo, praticam o que Klaas Woortmann (1990, 2009) denominou migração cíclica, que tem um caráter sazonal, e ocorre pela não disponibilidade de produtos ou outras necessidades locais, como analisada por Garcia Jr. (1989). Além dessa precaridade local, recentemente tem se dado publicidade, por meio do rádio e autofalantes de rua, nos municípios de Água Branca e Delmiro Gouveia, principalmente nos dias de feiras, a migração como oportunidade de trabalho com direitos trabalhistas garantidos. Entretanto, como salienta Mario José, embora exista possibilidade de conseguir voltar com uma “*certa grana*”, permanecer longe dos laços simbólicos construídos pela família e o território é uma condição que não favorece a migração.

Vale salientar, por outro lado, que os conflitos enfrentados por esses sujeitos não acontecem somente em termos de grandes centros urbanos com os pequenos. Eles acontecem nos próprios territórios de identidade desses indivíduos. O que pode ser observado na fala de Charles:

Para falar a verdade, têm horas que gosto mais do sítio, tem horas que gosto mais da cidade [...] depende muito do momento [...] porque quando estou na feira, eu gosto mais da cidade, quando estou na escola, prefiro ficar no sítio [...] porque eu não entendo muito o que os professores falam, aí eu aprendo mais em casa e na feira. Na hora dos festejos, prefiro a cidade [...] porque vem aquelas bandas de forró, eu gosto muito [...] as novenas lá do sítio são legais, a gente paquera, mas nas festas eu danço, paquero com umas meninas diferentes, até que tinha visto na feira. (Charles, mora no sítio Mangueiras, município de Delmiro Gouveia, 19 anos)

Mesmo inserido em um determinado espaço, os jovens partilham aspec-

tos simbólicos que se complementam em outros. Os que tem contato com o campo, uma parte deles, os seus laços permitem reconhecer o rural como o principal lugar de aprendizagem, enquanto a cidade é significada como lugar dos encontros com pessoas, conhecimentos e recursos. Do outro lado, para os que moram na cidade, os recursos oferecidos nesta são enfatizadores dos laços construídos. Mais do que isso, parece conveniente para o jovem o espaço em que a socialização é acionada com suas experiências. A entrevistada Telma nos aponta apresenta algumas pistas:

Eu dei graças a Deus quando os meus pais mandaram a gente para cidade [...] porque a gente tem mais privilégios, pois para nós as coisas são bem mais fáceis, como hospital, farmácia, supermercado, escola com professores gabaritados, e agora até universidade. É bom morar aqui! [...] eu gosto do sítio, eu vou todo fim de semana, mas aqui é melhor [...] às vezes, o pessoal de lá sítio acham que sou enxerida e assim muitas vezes fica aquele clima chato [...], mas aqui tenho a oportunidade de estudar, fazer universidade e dá uma vida melhor para minha família, porque ser feirante é muito fraco. (Telma, Delmiro Gouveia, 15 anos)

Os serviços oferecidos nas pequenas cidades, em termos de infraestrutura: comércio, serviços de saúde, transporte, acesso à educação superior, embora precários, as diferenciam dos Sítios. Por isso, o jovem que precisa desse serviço encontra na cidade o melhor local para se viver. Na verdade, há uma hierarquia de lugares embutida nessa forma de apreciar os sítios/ bairros e pequenos municípios, que passam desde os bens e serviços oferecidos às experiências vividas pelos próprios jovens, mantendo ou reestruturando o lugar onde se deseja viver.

c. Figuração escola

Vimos no tópico sobre o perfil dos feirantes, que a conclusão de todos os níveis escolares não fez parte, de uma maneira geral, do processo de socialização deles. Entretanto, a maioria (83,8%) de jovens feirantes (até 19 anos de idade) frequenta a escola. Isso é relevante para entendermos a maneira como esses jovens experienciam a escola como meio de socialização. Por exemplo, podemos observar nas falas de Doroteia, Charles e Telma experiências diversas com essa instituição. O que torna-se mais evidente nesses de-

poimentos é que, apesar de suas das dificuldades internas ao processo educativo que leva à reprovação constante e, conseqüentemente, à desistência, quando todo o esforço empreendido não foi recompensado pela progressão no sistema escolar, como constatou Madeira (1997), existem outras explicações que referem-se a problemas do lugar de moradia ser distante da escola e em contextos socioeconômicos que colocam os jovens em situações-limites (além de estudar, têm de “*lutar pelo pão de cada vida*”).

d. Figuração feira-livre

Apontamos no perfil dos feirantes que a feira não é o projeto de futuro para a maioria dos jovens, mas estes encontram nela meios para sua reprodução social. A participação efetiva deste nas praças de comércio descortina a percepção de que essa forma de mercado de bens e socialização dos sujeitos está fadada ao desaparecimento. Para alguns jovens, a feira é o lugar que possibilita sua autonomia, principalmente porque o trabalho realizado proporciona ganhos “*para comprar coisas que se tivesse em casa não teria, porque o que entra em casa só dá para sobreviver. [...] o que mais desejo é comprar meu cavalo*”. (Mauro Filho, mora na cidade de Delmiro Gouveia, 17 anos, solteiro)

Outros consideram que aprenderam, desde criança, como viver pela feira, por se constituir o *habitus* (para lembrar Bourdieu, 1995) de feirantes. E por isso, sentem-se a vontade no negócio. Essa “disposição é socializada na *figuração* do grupo doméstico que continua a ser protagonista, resguardando no seu interior o conhecimento dos valores construídos: confiança, reputação, honra e responsabilidade” (MELO, 2012).

Por outro lado, embora não considerando essa *figuração* como espaço de permanência para suas relações, consideram-na como trampolim para mudança de vida, já que “*enquanto ajudo meus pais na feira, estou terminando o meu curso de letras [...] porque aqui tenho tempo para estudar durante a semana [...] meu propósito é passar em um concurso para professora*”. (Lúcia, mora na cidade de Delmiro Gouveia, 26 anos, noiva)

Na verdade, notamos que as experiências dos jovens nas **figurações família, sítios/bairros e pequenos municípios** requerem um ambiente social e econômico que lhes sejam favoráveis e permitam uma interação mais ampla de cada uma

destas formas de relações sociais. Entretanto, ao ampliar a teia de socialização aos vários espaços e bens, verificamos que a abrangência espacial das diferentes relações sociais contribui para se refletir sobre quais espaços as inter-relações destes sujeitos, envolvendo a proximidade, apresentam mecanismos de reprodução social.

Considerações Finais

A partir da compreensão das teias de relações fiadas pelos jovens feirantes das feiras de Água Branca e Delmiro Gouveia, é possível apontar alguns pontos centrais:

1. Os jovens feirantes vivem, nas suas teias de inter-relação, um dilema no que se refere à sua permanência no trabalho da feira ou busca por “*novos rumos*”, processadas nas várias *figurações* sociais urbanos e rurais que participam;
2. Existe uma tradição nos *modos de viver e trabalhar* dos jovens feirantes que ora é reproduzida, ora reinventada. Isso vai depender dos mecanismos utilizados para sua reprodução social;
3. Além disso, os jovens feirantes da feira de Água Branca e Delmiro Gouveia se assemelham e distinguem-se na lida com a produção, comercialização e ritualização; bem como eles se veem nos espaços citadinos do consumo, venda e rituais festivos.

Recebido em maio de 2014.
Aprovado em dezembro de 2014.

Referências

ABRAMO, H. W. Consideração sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista brasileira de educação**. ANPED .Nº5 e Nº 6. 1997.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Editora Marco Zero: São Paulo, 1983.

BRANDÃO, C. R. **O afeto da terra**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1999.

GARCIA JR., A. R. **Sul: o caminho do roçado - estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. Rio de Janeiro: Marco Zero; Brasília: CNPq, 1989.

GARCIA-PARPET, M. F. O Segundo sexo do comércio: Camponesas e negócio no Nordeste do Brasil. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**. 2008. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_19/rbcs19_08.htm> Acesso em: 10 de set. 2011.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

IBGE. Censo Demográfico. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 1999, 2000, 2010.

MADEIRA, F. R. **Recado dos Jovens: mais qualificação. Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

MANNHEIM, K. **Sociologia do conhecimento**. Vol. II Editora Rêes. 1989

MELO, S. P. **Trajetórias de proximidade, redes e feiras: as práticas de agricultores familiares feirantes em Água Branca e Delmiro Gouveia, Alagoas**. 2012, 255f. Tese (doutorado em Sociologia), UFPE, Recife , 2012.

MOTT, L. Feiras e mercados: pistas para Pesquisa de Campo. In: FERRETTI, S. (Org.). **Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados**. São Luis: UFMA/Proin-Cs, 2000.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**: Imprensa Nacional casa da moeda: Lisboa: Portugal, 2003.

_____. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Revista Análise Social** V. XXV (101-106), 1990. p. 139 -165.

SCOTT, P.; FRANCH, M. Jovens, moradia e reprodução social: processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos. **Estudos de Sociologia**. Recife: UFPE, v. 7, n 1-2, p.95-125, jan.-dez. 2001.

SCOTT. J. W. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Vol.15, nº 2 jul/dez. 1990.

WANDERLEY, M. de N. B. **Juventude rural**: vida no campo e projetos para o futuro. 2006. (Relatório de pesquisa).

WELLER, W. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, n. 13, p. 260-300, jan/jun 2005.

WOORTMANN, K. **Com Parente Não Se Negoceia**. O campesinato como ordem moral. Editora Universidade de Brasília / Tempo Brasileiro: Brasília-DF/ Rio de Janeiro,1990.

_____. (1990) Migração, Família e Campesinato. In: WELK. C. A. (Et. Al.). **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e desenvolvimento Rural, 2009.